

## **Versos que educam: O papel da poesia na construção de identidades e valores na escola**

**Andre Ribeiro de Goveia**

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: andregoveiar@gmail.com

**Neila Barbosa Osório**

Pós-doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

**Luiz Sinésio Silva Neto**

Pós-Doutor em Ciências da Saúde

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: luizneto@uft.edu.br

**Ricardo Filipe da Silva Pocinho**

Doutor em Psicogerontologia

Instituição: Universidade de Valência

E-mail: ricardo.pocinho@ipleiria.pt

**Leila Cardoso Machado**

Mestre em Linguística Aplicada

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

E-mail: leila.machado@uems.br

**Samuel Marques Borges**

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: Samuelbiologo11@gmail.com

**Rosy Franca Silva Oliveira**

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: rosyfranca@uol.com.br

**Macleison Vera**

Mestrando em História Indígena e Indigenismo

Instituição: Universidade Federal da Grande Dourados

E-mail: Macleisonvera19@gmail.com

**Karinne Oliveira Meneses**

Mestranda em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais

Instituição: Universidade Federal do Norte do Tocantins

E-mail: karinneoliveirameneses@hotmail.com



**Elizabete de Souza Santos Batista**

Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica  
Instituição: Universidade Federal do Tocantins  
E-mail: fabianoebete@gmail.com

**Marilene Stachak Schmitt**

Especialista em Neuropsicopedagogia  
Instituição: Centro Universitário Favoni  
E-mail: marilene.stachak@gmail.com

**Karla Gisleide da Silva Araujo Saraiva**

Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa  
Instituição: Faculdade São Francisco  
E-mail: saraivakarla43@gmail.com

**Marceli Ferreira Sousa**

Especialista em Coordenação e Planejamento  
Instituição: Universidade Estadual do Tocantins  
E-mail: Ferreiramarcely31@gmail.com.br

**Cláudia Betânia Nunes Maciel**

Especialista em Educação Infantil  
Instituição: Universidade Anhanguera  
E-mail: claudiabetpxc@hotmail.com

**Andreia Firmino de Sousa Brito**

Especialista em Linguística Aplicada  
Instituição: Universidade Federal do Tocantins  
E-mail: andreiafirminof@gmail.com

**Adeany Firmino de Sousa Soares**

Graduação em Direito  
Instituição: Faculdade Católica do Tocantins  
E-mail: Adeanyfirmino@gmail.com

**Elizeth Francisco Alves**

Especialista em Arte-Educação  
Instituição: Universidade Estadual de Goiás  
E-mail: Zeth.elizethalves@gmail.com

**Rosimar Neres de Sousa Oliveira**

Especialista em História da África da Cultura Negra e do Negro do Brasil  
Instituição: Universidade Federal do Tocantins  
E-mail: rosefyato@professor.to.gov.br

**Valci Sinã**

Especialista em Cultura e História dos Povos Indígenas  
Instituição: Universidade Federal do Tocantins  
E-mail: valci.sina@gmail.com



**Danilo Rodrigues Corsino**

Especialista em Educação Inclusiva Altas Habilidades

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: danilo.corsino@mail.uft.br

**Michelly Barbosa Guimarães**

Especialista em Educação Infantil

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: michelly.mi03@gmail.com

**Sandra Paula Rocha de Brito Medrado**

Graduada em Letras

Instituição: Universidade Estadual do Tocantins

E-mail: sandrapaula1607@gmail.com

**Rosa Maria Nunes de Sousa**

Graduada em Pedagogia

Instituição: Universidade de Gurupi

E-mail: agetorosa@gmail.com

**Domingos Miranda de Sousa**

Graduado em Educação Física

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: domynguesmsousa@gmail.com

**Orcimar Sousa Gomes De Amorim**

Especialista em Educação Matemática

Instituição: Universidade Estadual do Tocantins

E-mail: orcimar.amorim@professor.to.gov.br

**RESUMO**

Este trabalho discute o papel da poesia no espaço escolar, entendendo-a como prática educativa capaz de contribuir para a formação integral dos estudantes. A investigação parte da compreensão de que a poesia não deve ser tratada apenas como um gênero literário a ser estudado, mas como linguagem viva que promove reflexão, imaginação e construção de sentidos. Ao ser incorporada ao currículo de forma sistemática, a poesia favorece a construção de identidades, possibilitando que os estudantes reconheçam a si mesmos e ao outro no processo de aprendizagem. Além disso, contribui para o desenvolvimento de valores éticos e sociais, como respeito, solidariedade e convivência democrática. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada em autores que discutem literatura, linguagem e educação, de modo a evidenciar a relevância da poesia na formação crítica e cidadã. Dessa forma, o estudo reafirma a necessidade de resgatar o potencial formativo da palavra poética no contexto escolar contemporâneo.

**Palavras-chave:** Poesia. Educação. Identidade.

**1 INTRODUÇÃO**

A literatura sempre ocupou um espaço de destaque na formação humana, mas é a poesia que, de maneira singular, concentra o poder de condensar experiências e revelar sentidos que escapam ao cotidiano. Na escola, entretanto, essa dimensão muitas vezes é negligenciada em função de práticas pedagógicas

voltadas para a transmissão mecânica de conteúdos. A poesia, reduzida a exercícios técnicos ou a fragmentos em manuais didáticos, perde sua função de provocar, inquietar e formar sujeitos críticos e sensíveis. O presente estudo nasce desse contraste entre o potencial transformador da poesia e a realidade de um espaço escolar que frequentemente não lhe reconhece a centralidade. Trata-se, portanto, de investigar como a palavra poética pode ser resgatada como recurso pedagógico que contribui para a construção de identidades e valores em um cenário educativo atravessado por desafios éticos, culturais e sociais (Meireles, 1994).

O problema que norteia a pesquisa pode ser formulado da seguinte forma: de que maneira a poesia, trabalhada pedagogicamente, colabora para a construção de identidades e valores no ambiente escolar? Essa pergunta orientadora evidencia a necessidade de pensar a poesia não como apêndice da disciplina de Língua Portuguesa, mas como linguagem fundante, capaz de despertar o imaginário, estimular a criticidade e aproximar os estudantes de questões existenciais e sociais que atravessam suas vidas. A problemática ganha relevância à medida que o contexto educacional atual é marcado por práticas fragmentadas, pela valorização excessiva de resultados quantitativos e pela desvalorização de processos que envolvem a sensibilidade e a subjetividade (Chagas, 2011).

A justificativa deste estudo está ancorada em três dimensões complementares. A primeira delas é cultural, pois a poesia constitui parte essencial do patrimônio simbólico da humanidade, sendo matriz estética que acompanha a história desde seus primórdios (Moisés, 1995). A segunda dimensão é pedagógica, pois cabe à escola criar condições para que os estudantes tenham contato com práticas literárias significativas, capazes de ampliar sua visão de mundo e fortalecer sua autonomia crítica. A terceira é social, pois em uma sociedade marcada por tensões identitárias e desigualdades, torna-se urgente refletir sobre a formação de valores que promovam a convivência democrática e o respeito à diversidade. Assim, a pesquisa justifica-se não apenas no campo acadêmico, mas também no horizonte de uma educação comprometida com a transformação social.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o papel da poesia na construção de identidades e valores na escola. Para alcançar esse propósito, estabeleceram-se três objetivos específicos: compreender os fundamentos da poesia como prática educativa; examinar como a experiência literária contribui para a formação de valores no espaço escolar; e discutir de que forma os processos de subjetivação e identidade se articulam com a poética em um contexto pedagógico contemporâneo.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico. A escolha por esse percurso está fundamentada na convicção de que o problema aqui proposto exige diálogo com reflexões já consolidadas no campo da literatura, da filosofia da linguagem e da educação, permitindo compreender como diferentes autores tratam da relação entre poesia, identidade e valores. A metodologia bibliográfica, nesse sentido, não é apenas levantamento, mas análise crítica que possibilita reconfigurar os debates, reinterpretar conceitos e propor articulações inéditas no campo da prática



pedagógica (Lakatos e Marconi, 2017).

O trabalho dialoga com diferentes vozes que tratam da linguagem e da literatura, como Bakhtin, ao enfatizar a natureza dialógica da palavra, ou Cecília Meireles, cuja obra evidencia a dimensão formativa da poesia na sensibilidade humana. Essas referências, combinadas a documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular, contribuem para mapear os fundamentos da poesia como prática educativa, ao mesmo tempo em que permitem refletir sobre os desafios de sua inserção efetiva no currículo escolar (BNCC, 2018).

O trabalho com a poesia pode criar ambientes de aprendizagem que valorizem o diálogo, a imaginação e a expressão criadora, favorecendo a construção de identidades plurais. Em sociedades marcadas por intolerâncias e fragmentações, a poesia emerge como caminho de humanização, pois estimula a empatia e ajuda os estudantes a se colocarem no lugar do outro. Esse aspecto social torna ainda mais urgente discutir a função da literatura no processo de formação, especialmente no que se refere ao cultivo de valores coletivos (Palo e Oliveira, 2003).

Por um lado, remete a práticas ancestrais de oralidade e memória cultural; por outro, encontra nas mídias digitais novas formas de circulação e produção. Essa transição amplia os modos de subjetivação e reforça a necessidade de a escola reconhecer que a construção de identidades também se dá em espaços informais e digitais. A poesia, nesse contexto, é mediadora entre tempos e linguagens, entre heranças culturais e desafios contemporâneos (Santos, 2024).

## **2 POESIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE IDENTIDADES NA ESCOLA**

A poesia, ao ser inserida no espaço escolar, não deve ser entendida apenas como uma forma de expressão estética, mas como recurso capaz de transformar a experiência pedagógica em um processo de sensibilização e humanização. Sua presença no currículo permite que a linguagem seja explorada em sua dimensão simbólica e criativa, ultrapassando o caráter meramente técnico e funcional. Nessa perspectiva, a palavra poética assume papel de mediadora entre a experiência individual e os contextos coletivos nos quais os estudantes estão inseridos (Bakhtin, 2000).

A função da poesia na escola relaciona-se diretamente com sua natureza histórica e cultural. Desde tempos antigos, a palavra poética foi utilizada para organizar a experiência humana, explicar o mundo e transmitir valores às novas gerações. Reconhecer esse papel fundador é essencial para compreender que a poesia não é um adorno do processo educativo, mas parte constitutiva da formação integral do sujeito (Moisés, 1995).

O contato com a poesia desde a infância demonstra como a imaginação se articula de maneira espontânea com a aprendizagem. A criança, em suas primeiras experiências linguísticas, já se aproxima de estruturas poéticas por meio de rimas, parlendas e cantigas, revelando que o impulso criador está presente



antes da escolarização formal. A escola, ao acolher essa dimensão, fortalece o vínculo entre ludicidade e formação, ampliando a possibilidade de desenvolver sujeitos criativos e críticos (Chagas, 2011).

Nesse contexto, a educação literária precisa ser compreendida como prática de formação de valores. Ao trabalhar com a poesia, a escola estimula os estudantes a refletirem sobre a alteridade, a diversidade e a convivência democrática, elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Dessa forma, a palavra poética não apenas emociona, mas também educa, ao favorecer o desenvolvimento de consciência crítica diante dos desafios do cotidiano (Palo e Oliveira, 2003).

O estudante, ao produzir ou interpretar um poema, o faz considerando os interlocutores e os contextos sociais de circulação da palavra. Essa dimensão interativa evidencia que a poesia na escola não é uma atividade isolada, mas parte de um processo dialógico de construção de significados e valores (Mendonça e Silva, 2024).

A literatura, nesse sentido, constitui um espaço de formação ética e cultural. O contato com diferentes estilos, autores e tradições amplia o repertório cultural dos estudantes e os coloca diante de realidades diversas, estimulando a empatia e a compreensão do outro. Essa experiência promove um aprendizado que não se limita ao domínio técnico da leitura e da escrita, mas avança na direção de uma educação integral que contempla dimensões cognitivas, afetivas e sociais (Meireles, 1994).

A Base Nacional Comum Curricular reconhece essa função ao destacar a importância da vivência de experiências significativas com práticas de linguagem em múltiplas mídias e campos de atuação social. Isso demonstra que a poesia pode se articular tanto às demandas da formação cidadã quanto ao enriquecimento cultural, promovendo a integração entre vida escolar, mundo do trabalho e participação social. Assim, a literatura deixa de ser atividade marginal e assume centralidade no processo educativo (BNCC, 2018).

A incorporação da poesia na prática pedagógica também exige abertura para novas formas de expressão que circulam na contemporaneidade. As culturas juvenis, as manifestações periféricas e as produções digitais oferecem exemplos de como a poesia pode ser apropriada pelos estudantes em diferentes contextos. Ao dialogar com essas produções, a escola não apenas legitima novas vozes, mas também contribui para que os estudantes compreendam a pluralidade de linguagens que constituem a sociedade atual (Barros, 2010).

No espaço pedagógico, a poesia ainda se mostra como um dispositivo de subjetivação. O estudante, ao ler ou produzir um poema, projeta nesse texto suas próprias experiências, sentimentos e dilemas, elaborando sua identidade em diálogo com a coletividade. Esse processo demonstra que a literatura escolar não se reduz à transmissão de conteúdos, mas constitui prática de elaboração de si e de reinvenção de significados (Bakhtin, 2000).

A subjetividade que emerge da experiência literária se fortalece no encontro com o outro. A sala de



aula, ao promover a leitura compartilhada de poemas, transforma-se em lugar de negociação simbólica, em que diferentes interpretações se confrontam e se complementam. Essa dinâmica favorece a construção de identidades plurais, rompendo com modelos homogêneos que frequentemente marcam o ensino tradicional (Chagas, 2011).

A relação entre poesia e identidade também deve ser pensada no contexto da cultura digital. O estudante contemporâneo convive com múltiplos letramentos, circulando entre textos impressos, analógicos e digitais. Essa diversidade de suportes amplia a forma como ele lê, escreve e se posiciona no mundo, exigindo que a escola assuma uma postura mais flexível e aberta. A poesia, nesse cenário, atua como ferramenta de articulação entre diferentes linguagens, oferecendo um campo de experimentação criativa e crítica (Santos, 2024).

A expansão da literatura para ambientes digitais revela que a escola não é mais o único espaço de produção e circulação da palavra poética. Os estudantes encontram na internet novas formas de expressão, como blogs literários, slams virtuais e performances em redes sociais, que contribuem para o fortalecimento de identidades individuais e coletivas. A escola que dialoga com essas práticas torna-se mais significativa e conectada à realidade de seus alunos (Mendonça e Silva, 2024).

A integração da poesia ao currículo também exige que o professor assuma papel de mediador cultural, promovendo experiências que conectem os estudantes à tradição literária sem ignorar as formas contemporâneas de criação. Esse equilíbrio entre herança cultural e inovação pedagógica é fundamental para que a poesia cumpra seu papel formativo, ajudando a construir sujeitos capazes de dialogar com o passado e, ao mesmo tempo, reinventar o futuro (Lakatos; Marconi, 2017).

A formação de identidades no espaço escolar, por meio da poesia, é processo dinâmico que envolve tanto a apropriação de repertórios culturais quanto a criação de novos sentidos. O estudante não apenas recebe a tradição, mas também produz significações próprias, interferindo no coletivo e contribuindo para a transformação social. Essa dialética demonstra que a literatura escolar não deve ser pensada apenas em termos de recepção, mas também de produção ativa de cultura (Barros, 2010).

Assim, o capítulo evidencia que a poesia, ao ser incorporada à educação, transcende a função de recurso didático e se configura como prática integral de formação. Ela articula linguagem, valores e identidade, tornando-se ferramenta de subjetivação e de construção de cidadania. Ao reconhecer a centralidade da poesia no espaço pedagógico, a escola reafirma seu compromisso com uma educação que não apenas transmite conhecimentos, mas também forma sujeitos capazes de imaginar, sentir, criar e intervir no mundo (Meyreles, 1994).

## 2.1 FUNDAMENTOS DA POESIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA

Muito antes de ser codificada como arte literária, a poesia se enraizou como prática cultural ligada à



oralidade, ao canto e ao rito, o que a inscreve como elemento fundante da linguagem. Ao refletir sobre o papel da poesia na educação, é necessário reconhecer que ela não surge como ornamento, mas como estrutura que molda sensibilidades, forma imaginários e oferece caminhos para a construção de identidades. Nesse sentido, compreender a poesia como prática educativa significa reconhecer sua função de mediação entre o indivíduo e o coletivo, entre a subjetividade e a cultura, entre a infância e a vida adulta (Bakhtin, 2000).

A relação entre poesia e educação precisa ser compreendida como um processo que antecede a própria escolarização formal. Desde cedo, as crianças se aproximam da linguagem poética por meio de cantigas, parlendas e narrativas, revelando uma dimensão lúdica que conecta imaginação e conhecimento. Essa experiência inicial, quando incorporada ao processo pedagógico, tem o potencial de fortalecer a expressividade e ampliar as possibilidades de leitura do mundo. Por isso, pensar os fundamentos da poesia na prática educativa é também refletir sobre a importância de preservar essa dimensão lúdica na escola, evitando que a rigidez curricular sufoque as potências criadoras que a poesia evoca (Chagas, 2011).

A historicidade da poesia demonstra que ela sempre esteve associada ao desenvolvimento do pensamento humano, pois sua origem remonta aos primeiros filósofos, aos registros mitológicos e às tradições orais que buscavam explicar o mundo por meio de imagens poéticas. Essa herança atravessa o tempo e ressoa até hoje, marcando a centralidade da poesia na experiência estética. Como lembra Massaud Moisés,

“A poesia tem estado presente desde o início da atividade literária, em um nebuloso estado cultural perdido nas sombras do tempo e desde os primeiros escritos de teoria e filosofia da Literatura: o pensamento estético começou pela poesia (Platão, Aristóteles), e durante muitos séculos não se conheceu outro objeto” (Moisés, 1995, p. 402).

Tal afirmação evidencia que a poesia não é apenas uma manifestação literária entre outras, mas a matriz originária da arte e da reflexão estética (Moisés, 1995).

Esse caráter da poesia ganha importância quando articulado ao processo educativo, uma vez que a escola, ao lidar com o universo da linguagem, tem o desafio de mobilizar não apenas o aspecto informativo, mas também o sensível. A educação não se limita à transmissão de conteúdos, mas implica na formação integral do sujeito, e a poesia, por sua natureza, opera exatamente nesse ponto de intersecção. Ela possibilita ao estudante experimentar a linguagem em sua dimensão mais criadora, desenvolvendo a imaginação, a sensibilidade e a capacidade crítica. Assim, a poesia deve ser compreendida como prática pedagógica que estimula a complexidade do pensamento e abre espaço para múltiplas formas de subjetivação (Vygotski, 2001).

Um dos pontos centrais a ser destacado é o vínculo natural entre infância e poesia. A criança, pela espontaneidade de sua percepção, tende a habitar o universo poético com naturalidade. O brincar com a

linguagem, a inventividade, a imaginação e a abertura ao inusitado são marcas de um espírito poético que se expressa antes mesmo da alfabetização. No entanto, a passagem para a vida adulta e a estrutura formal da escola muitas vezes acabam limitando esse instinto criativo. Como observa Drummond de Andrade (1974),

“Por que motivo as crianças, de um modo geral, são poetas, e com o tempo deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade do jogo, a ausência do conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver [...]? Acho que é um pouco tudo isso, [...] mas se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância que vai fenecendo à medida que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida?” (Andrade, 1974, p. 16).

Essa fala chama para pensar o lugar da poesia na prática pedagógica, denunciando o risco de sua supressão (Andrade, 1974). A crítica de Drummond aponta para um paradoxo: a escola, que deveria ser espaço de cultivo da imaginação e da criatividade, frequentemente se transforma em lugar de esquecimento do poético. Essa condição não resulta apenas da estrutura curricular, mas também de uma concepção de conhecimento que valoriza mais a racionalidade técnica que a experiência estética. Ao negligenciar a poesia, a escola limita a formação do sujeito e empobrece a capacidade de elaboração simbólica. Portanto, compreender os fundamentos da poesia como prática educativa exige reposicioná-la no centro da experiência escolar, reconhecendo-a como meio de formação de subjetividades críticas e sensíveis (Meireles, 1994).

Além disso, a poesia, quando incorporada ao cotidiano pedagógico, oferece instrumentos para lidar com a complexidade da linguagem. Sua natureza polissêmica, aberta e ambígua desafia o leitor a interpretar, relacionar e criar sentidos. Esse processo se configura como um exercício de liberdade, já que não há uma única leitura correta, mas múltiplas possibilidades de interpretação. Tal característica fortalece a autonomia intelectual dos estudantes, que aprendem a valorizar a diversidade de perspectivas e a riqueza do simbólico. Nesse sentido, a prática poética na escola rompe com a visão utilitarista da linguagem e promove um aprendizado marcado pela imaginação criadora (Barros, 2010).

A presença da poesia no espaço escolar também dialoga com a constituição de valores culturais e sociais. Ao colocar em circulação símbolos, metáforas e imagens, a poesia possibilita que os estudantes reconheçam aspectos de sua própria identidade e, ao mesmo tempo, ampliem seu horizonte cultural. O encontro com diferentes vozes poéticas (clássicas, modernas, infantis, regionais) expande a noção de pertencimento e permite a valorização da diversidade. Por isso, a poesia pode ser compreendida como prática educativa que promove não apenas a estética, mas também a ética, na medida em que estimula a empatia e o reconhecimento do outro (Palo e Oliveira, 2003).

Antes de ser escrita, a poesia se manifestava como canto e performance, inserida em práticas



coletivas. Essa dimensão da palavra poética, ligada ao ritmo e à musicalidade, permanece presente na contemporaneidade, especialmente nas produções de jovens em *slams*, *rap* e outras formas de expressão oral. Trazer essa oralidade para a sala de aula significa reconhecer que a poesia é também prática viva, situada nas experiências sociais, e que o estudante pode ser sujeito ativo na sua produção (Mendonça e Silva, 2024).

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DE VALORES NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA ESCOLAR

A literatura, em sua potência educativa, não se limita a formar leitores competentes no plano técnico, mas se projeta como espaço de construção de valores éticos, sociais e culturais. Na escola, essa dimensão ganha centralidade, pois a experiência literária permite que os estudantes se confrontem com diferentes visões de mundo, exercitando não apenas a interpretação textual, mas também a reflexão sobre os modos de ser e de viver em sociedade. Assim, a leitura e a produção literária tornam-se práticas pedagógicas que ultrapassam o domínio da língua, constituindo-se como momentos de elaboração de significados e de ressignificação da vida cotidiana (Palo e Oliveira, 2003).

Ao analisar a produção textual em contexto escolar, percebe-se que cada estudante escreve ou fala a partir de uma intenção comunicativa que não é arbitrária, mas organizada em função daquilo que imagina sobre seu interlocutor. Como observa Mendonça e Silva (2024),

“Ao produzirmos um determinado texto seja oral ou escrito, o produzimos com uma intenção comunicativa, isso quer dizer que numa interação entre sujeitos o locutor organiza seu discurso não de forma aleatória, mas a partir das inferências e conhecimentos que acredita que seu interlocutor possua” (Mendonça e Silva, 2024, p. 343).

Essa perspectiva reforça que a construção de valores na escola passa pelo reconhecimento do outro, pela capacidade de antecipar expectativas e pela sensibilidade para dialogar em contextos diversos, o que torna a experiência literária um exercício de alteridade e responsabilidade (Mendonça e Silva, 2024).

A intencionalidade comunicativa destacada por Mendonça e Silva aponta para a dimensão relacional da linguagem, na qual o sujeito nunca é isolado, mas sempre situado em interações. Isso significa que o valor de uma experiência literária não se restringe ao texto em si, mas se manifesta nos efeitos que ele produz na relação entre leitores, autores e contextos sociais. A escola, portanto, deve promover o acesso a práticas de leitura e escrita que articulem essa relacionalidade, permitindo que o estudante desenvolva uma consciência crítica de como sua palavra pode afetar e ser afetada pelo outro. Nessa dinâmica, a literatura se afirma como lugar de formação ética, capaz de provocar reflexões sobre a solidariedade, a justiça e a diversidade cultural (Bakhtin, 2000).

A Base Nacional Comum Curricular reforça esse entendimento ao destacar a necessidade de vivências que ultrapassem a técnica e promovam aprendizagens culturalmente significativas. Como afirma



o documento, é essencial que

“[...] os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos” (BNCC, 2018, p. 485).

Essa orientação mostra que a literatura, em sua dimensão escolar, deve ser mediada de forma a conectar os sujeitos ao mundo em que vivem, garantindo que o aprendizado da língua e da leitura seja também aprendizado de cidadania e de valores humanos (BNCC, 2018).

Essa concepção amplia a função da escola ao compreender que a linguagem literária é campo de experiências múltiplas, que atravessam o estético, o ético e o político. A poesia, o conto, o romance ou a crônica são gêneros que, ao serem mobilizados na prática pedagógica, possibilitam aos estudantes refletir sobre situações de conflito, sobre injustiças sociais, sobre a diversidade de identidades, mas também sobre formas de esperança e de reinvenção da vida. A escola que promove tais experiências contribui para a formação de sujeitos capazes de compreender o mundo em sua complexidade, questionar discursos hegemônicos e valorizar práticas de convivência pautadas no respeito e na dignidade (Meireles, 1994).

Para compartilhar a leitura de um poema, por exemplo, o estudante expõe seus sentidos, escuta os sentidos dos colegas e, nesse movimento, aprende a conviver com a diferença. Essa troca produz um espaço de negociação simbólica em que valores são explicitados, confrontados e reconstruídos, permitindo que a sala de aula se configure como microcosmo da sociedade, no qual se exercita a convivência democrática (Chagas, 2011).

A presença da literatura também ajuda a mediar o encontro entre tradição e contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que conecta os estudantes ao patrimônio cultural acumulado pela humanidade, a experiência literária dialoga com os desafios atuais, como a diversidade de mídias, a cultura digital e a pluralidade de vozes. Essa integração contribui para que os estudantes compreendam que os valores não são estáticos, mas se transformam, sendo constantemente reinterpretados pela sociedade. A literatura escolar, nesse sentido, atua como campo fértil para questionar naturalizações, desvelar desigualdades e propor novas formas de convívio (Santos, 2024).

A formação de valores por meio da literatura também passa pela ampliação do repertório cultural dos estudantes. O contato com diferentes autores, estilos e temáticas possibilita que eles reconheçam universos que muitas vezes estão distantes de sua realidade imediata, mas que são fundamentais para o exercício da empatia. Essa abertura para o outro é uma das contribuições mais importantes da experiência literária, pois educa a sensibilidade e amplia a capacidade de se colocar no lugar do outro, uma competência cada vez mais necessária em sociedades plurais (Palo e Oliveira, 2003).

Portanto, a construção de valores na experiência literária escolar deve ser entendida como um



processo contínuo e multifacetado, que envolve tanto a intencionalidade comunicativa quanto a vivência de práticas culturais significativas. Nesse percurso, a literatura se consolida como espaço de formação integral, articulando linguagem, imaginação e ética. A escola que reconhece essa dimensão não apenas ensina a ler e escrever, mas forma cidadãos críticos, capazes de intervir no mundo com sensibilidade e responsabilidade (Lakatos e Marconi, 2017).

### 2.3 POÉTICA, IDENTIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NO ESPAÇO PEDAGÓGICO

A poesia, quando inserida no espaço pedagógico, não se limita a ser um recurso de sensibilização ou embelezamento da linguagem, mas atua como um dispositivo potente de subjetivação. Ao lidar com metáforas, imagens e símbolos, o estudante é provocado a elaborar sua própria identidade em diálogo com as múltiplas vozes que constituem o tecido social. Essa relação entre poética e subjetividade revela que a escola pode ser um espaço de autoconhecimento e de reconhecimento do outro, onde a literatura deixa de ser vista apenas como objeto de estudo e passa a ser entendida como experiência formadora de mundos interiores e exteriores (Bakhtin, 2000).

A construção identitária mediada pela poesia se dá na medida em que o sujeito encontra, na palavra poética, um espelho simbólico de sua própria existência. O texto literário não apresenta respostas prontas, mas abre fissuras interpretativas que permitem ao leitor projetar seus sentimentos, suas memórias e seus dilemas. Nesse sentido, a prática pedagógica que incorpora a poética não apenas ensina conteúdos, mas possibilita que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos, inseridos em comunidades de sentido e participantes da criação cultural (Meireles, 1994).

É nesse entrecruzamento de vozes que a subjetividade se fortalece, pois a palavra poética não é apenas enunciado individual, mas sempre atravessada por dialogismos, ecos sociais e culturais. Cada leitura realizada em sala de aula traz consigo a oportunidade de ressignificar experiências e, ao mesmo tempo, de ampliar horizontes, uma vez que o estudante se abre a realidades distintas da sua. Assim, a literatura cria condições para que identidades se construam de forma plural, fugindo das reduções homogêneas que frequentemente marcam a escola tradicional (Chagas, 2011).

Na contemporaneidade, o diálogo entre poesia, identidade e subjetivação não pode prescindir da relação com a cultura digital. As múltiplas linguagens disponíveis em ambientes digitais transformam a forma como a leitura e a escrita acontecem, demandando novas posturas pedagógicas. Como observa Santos (2024),

“À cultura digital demanda abertura e flexibilidade para conviver com fluxos diversificados de informações onipresentes e multiplicidade de letramentos, que, de fato, propicia a criação de contextos de aprendizagem organizados de modo totalmente diferente daqueles da educação formal, contracenando em contextos informais ou não formais” (Santos, 2024, p. 38).



Essa constatação revela que a subjetividade do estudante contemporâneo é atravessada por fluxos digitais e que a escola, se quiser permanecer significativa, precisa acolher essa multiplicidade (Santos, 2024).

A presença da cultura digital reconfigura a maneira como os estudantes produzem e interpretam textos, expandindo a noção de poética para além do livro e da sala de aula. A poesia circula em blogs, redes sociais, slams virtuais e diferentes mídias, revelando que os processos de subjetivação não ocorrem apenas nos espaços formais, mas também em práticas informais de linguagem. Esse trânsito amplia o campo pedagógico, mostrando que a escola precisa se abrir ao diálogo com novas formas de expressão literária, reconhecendo que os sujeitos aprendem e constroem identidades também nesses espaços alternativos (Mendonça e Silva, 2024).

Ao reconhecer a potência da poética em contextos digitais e analógicos, a escola se torna mediadora de experiências que contribuem para a construção de identidades mais críticas e conscientes. O contato com diferentes suportes textuais, aliado à vivência de práticas criativas, permite ao estudante compreender que sua subjetividade é múltipla, construída no entrelaçamento entre tradição e inovação. Essa consciência, por sua vez, fortalece a autonomia, a liberdade interpretativa e a capacidade de posicionamento diante dos discursos sociais (Lakatos e Marconi, 2017).

Quando os estudantes são convidados a escrever poemas, a declamar em rodas literárias ou a criar narrativas digitais, eles não apenas repetem modelos, mas inventam formas de dizer o mundo a partir de suas próprias experiências. A escola, nesse caso, atua como espaço de legitimação dessas vozes, abrindo-se para acolher expressões que tradicionalmente foram silenciadas ou desvalorizadas, como a cultura popular, as narrativas periféricas ou as produções juvenis (Palo; Oliveira, 2003).

A construção de identidades por meio da poética é, portanto, um movimento de mão dupla: ao mesmo tempo em que o estudante se apropria de repertórios culturais já existentes, ele também produz novas significações, interferindo na cultura e transformando-a. Essa dialética é fundamental para compreender que o espaço pedagógico não é apenas lugar de transmissão, mas de criação e circulação de sentidos, em que cada sujeito pode afirmar sua singularidade sem perder a capacidade de dialogar com o coletivo (Barros, 2010).

Desta forma, refletir sobre a poética como prática de subjetivação na escola é reconhecer que a literatura não é um acessório, mas um caminho estruturante da formação humana. A poesia, em sua essência, convida o estudante a habitar o mundo de maneira mais sensível, crítica e criadora. Ao promover essa experiência, a escola se torna espaço de emancipação, no qual identidade e alteridade se encontram na construção de valores que sustentam a vida em sociedade. Nesse percurso, a poética se revela como força educativa capaz de transformar não apenas a relação do sujeito com a linguagem, mas a própria compreensão de si e do mundo (Bakhtin, 2000).



### **3 CONCLUSÃO**

A análise realizada nos diz que a poesia, quando integrada ao processo educativo, não se limita a ser um recurso estético, mas se configura como prática formadora que amplia a compreensão de mundo e fortalece a construção de identidades. Sua presença no espaço escolar contribui para que os estudantes desenvolvam sensibilidade, criticidade e valores fundamentais para a convivência social, mostrando-se essencial em uma educação que busca a formação integral.

Dessa forma, conclui-se que a valorização da poesia no currículo é um passo decisivo para superar práticas pedagógicas restritas e tecnicistas. Ao reconhecer a força da palavra poética, a escola assume seu papel de mediadora cultural e social, promovendo aprendizagens que unem conhecimento, imaginação e ética, e formando sujeitos mais preparados para enfrentar os desafios contemporâneos.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A educação do ser poético: arte e educação. Ano 3, no 15, out 1974.
- BAKHTIN, Mikhail. “Problemática e definição”. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- BARROS, M. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.
- CHAGAS, L. M. M. A palavra poética e os processos de imaginação criadora: o lugar da poesia no primeiro do ano Ensino Fundamental. In: AGUIAR, M. A. L.; SILVA, N. R.; KOERNER, R. M (Org.). Múltiplos olhares para as práticas de linguagem no espaço-tempo da sala de aula. Curitiba, Paraná: CRV, 2011. p. 43-61.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Título: Fundamentos de Metodologia Científica Edição: 8. ed. Editora: Atlas, 2017
- MEIRELES, C. Cecília Meireles: poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MENDONÇA E SILVA, M. R. S. de . Gêneros textuais: um importante integrante na estrutura da comunicação. *Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, [S. l.], v. 8, p. 342–350, 2024. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/218>. Acesso em: 02 Ago. 2025.
- MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literário, 7ª. ed. Cultrix: São Paulo, 1995.
- PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. Literatura Infantil: Voz de criança. São Paulo: Ática, 2003.
- QUINTANA, MARIO. Nariz de vidro. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- SANTOS, A. F.. Os impactos da COVID-19 nos processos de ensino – aprendizagem: uma pesquisa resultante do período pandêmico dos anos letivos 2021 / 2022 / 2023 no Colégio Estadual 24 de outubro no município de Aracajú – SE. Tese (Doutorado). *Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, [S. l.], v. 9, 2024. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/248>. Acesso em: 02 Ago. 2025.
- VYGOTSKI, L. S. Pensamento e palavra. In: \_\_\_\_\_. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 395-486.